

Metodología, métodos, técnicas

Uma proposta teórico-metodológica

para o estudo das transformações culturais no jornalismo

Anna Paula Knewitz y Nilda Jacks

Resumen

Este trabajo comparte una propuesta teórico-metodológica para el estudio de los lectores en Internet. Comienza con un breve estado de la técnica sobre el estudio de la recepción en el entorno digital, mostrando las principales limitaciones que el área debe superar. A continuación se publican los aspectos que hacen de la Teoría de las mediaciones (Martín-Barbero, 2004) un marco favorable para hacer frente a algunos de estos obstáculos. Por último, se presentan algunos cortes y las articulaciones que se pusieron a prueba a fin de proporcionar una aplicación empírica de esta teoría para el análisis de las prácticas contemporáneas de la lectura periodística.

Palabras clave: Mediaciones, Metodología, Periodismo Digital, Estudios de recepción en Internet

Resumo

Este trabalho compartilha uma proposta teórico-metodológica para o estudo do leitor na Internet. Parte-se de um breve estado da arte dos estudos de recepção em ambiente digital, de onde se inferem as principais limitações que a área precisa superar. Em seguida, são destacados aspectos que fazem da *Teoria das Mediações* (Martín-Barbero, 2004) um referencial propício para o

enfrentamento de alguns desses obstáculos. Por fim, são apresentados recortes e articulações que foram testados para que se apropriasse empiricamente de tal teoria para a análise das práticas contemporâneas de leitura jornalística.

Palavras-Chave: Mediações; Metodologia; Jornalismo digital; Estudos de Recepção na Internet.

Abstract

This work shares a theoretic–methodological proposal for studying the reader on the Internet. It starts with a brief state-of-the-art review of the study of reception in the digital environment, showing the main limitations that the area must overcome. Then, the aspects that make the Theory of Mediations (Martín-Barbero, 2004) a framework conducive to confront some of these obstacles are indicated. Finally, some text selections that were tested in order to provide an empirical application of this theory for the analysis of contemporary practices of journalistic reading are presented.

Keywords: Mediations; Methodology, Digital Journalism; Study of Reception in the Internet.

Anna Paula Knewitz. Brasileira. Maestra por la Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Áreas de interés: cultura, periodismo en línea, estudios de recepción; annaknewitz@gmail.com

Nilda Aparecida Jacks. Brasileira. Doctora por la Universidad de São Paulo/ USP. Áreas de interés: cultura, identidad cultural, estudios de recepción; jacks@ufrgs.br

Desde a década de 1980, os Estudos Culturais contribuíram para que as pesquisas de recepção latino-americanas incorporassem as noções de texto polissêmico, de comunicação mediada e de sujeito histórico, criativo e culturalmente localizado. Contudo, chegados os anos 1990, e principalmente 2000, com a disseminação da nova mídia, essas noções parecem cair num cenário ambivalente, que, ao mesmo tempo em que as reforça, promove uma virada. A Internet não só corrobora a ideia de sujeito ativo, como faz com que essa *atividade* extrapole os processos mentais e ganhe materialidade através dos recursos interativos; não só corrobora a ideia de texto polissêmico, como, por meio do hipertexto e da multimedialidade, torna as opções interpretativas ainda mais vastas; não só corrobora a ideia de receptor culturalmente inserido, como recaracteriza o próprio cenário cultural.

Essa ambiguidade entre entendimentos que permanecem e que mudam configura um desafio para o pesquisador interessado em estudar o receptor na *Web*, que precisa romper receitas teóricas para investigar um cenário repleto de correlações ainda nebulosas. Faz-se necessário pensar em um quadro de referenciais capaz de explorar os ensinamentos do campo para analisar o que há de precedente no fenômeno, mas também flexível e prolongado o suficiente para abarcar suas inovações.

Este texto se destina a apresentar a proposta teórico-metodológica adotada na dissertação “A leitura jornalística na contemporaneidade: novas e velhas práticas dos leitores de *Zerohora.com*” (Knewitz, 2010) para enfrentar esse impasse. Tal trabalho buscou na *Teoria das Mediações* de Martín-Barbero (2004) uma fundamentação para investigar como a tecnologia vem atuando sobre as práticas cotidianas dos leitores de webjornais, e como os novos hábitos edificados nesse meio vêm se misturando com as ações há tempo consolidadas pelos jornais impressos, configurando, assim, um diferente modo de ler notícias.

Para que se alcançasse essa finalidade, o primeiro desafio detectado foi o de decidir o tipo de apropriação que seria feita das mediações barberianas para que essas pudessem promover um entrelaçamento dos legados dos Estudos Culturais, que historicamente vêm servindo de base para a maioria dos estudos de recepção na América Latina, com o aporte trazido pela Cibercultura, que vem sustentando pesquisas sobre “receptores” no ciberespaço. Em um segundo momento, foi preciso viabilizar a aterrissagem em solo empírico dos conceitos trabalhados. Os recortes e articulações efetuados ao longo desses processos serão apresentados a seguir.

Os novos desafios das pesquisas de recepção:

da mídia tradicional à nova mídia

Quando as pesquisas de recepção na América Latina, seguindo a proposição feita por Martín-Barbero, deslocam suas ênfases dos meios às mediações, ocorre sem dúvida, um grande avanço, pois

esta é uma epistemologia que busca escapar aos dualismos e que busca também transcender a lógica de efeitos e instrumentos (Orozco, 2008:138).

No entanto, entende-se que no fim do século XX, sobretudo em função da Internet, os estudos envolvendo a esfera do receptor chegam a um novo momento de revisão, uma vez que o mundo passa por reordenamentos

que demandam dos Estudos Culturais mais atenção para as questões tecnológicas.

Segundo Natansohn (2007), a aproximação entre temáticas vinculadas às tecnologias computacionais e ao campo das teorias críticas e culturais enfrentou algumas barreiras, pois

o debate sobre a tecnologia sofreu, até entrados os 90, de acusações fortemente ideologizadas, que denunciavam os efeitos homogeneizantes da tecnologia eletrônica (Natansohn, 2007:11).

Hoje, como afirma Lemos (2007: 262), “a cibercultura tem mostrado que a oposição entre a cultura e a tecnologia não é mais sustentável”, mas a interface dessa área com os estudos de recepção, onde se acredita localizar as bases teórico-metodológicas para os estudos sobre o leitor na *Web*, ainda vem sendo lapidada.

Em alguns países, esse processo de lapidação começou, conforme Press e Livingstone (2007), já nos anos 1990, quando surgiram os primeiros estudos empíricos de Internet. No Brasil, entretanto, essa convergência teve início tardiamente. Um panorama da pesquisa brasileira em comunicação sobre recepção na década de 1990, traçado por Jacks, Menezes e Piedras (2008), endossa essa afirmação. Ao analisarem teses e dissertações do período, as autoras evidenciam a não-representatividade da Internet entre as produções empíricas de abordagem sociocultural. Mostram que, enquanto o rádio figurou como objeto de 50 estudos e a televisão, o meio mais investigado no país na época, foi examinada em 136 trabalhos, a Internet ainda não aparecia como alvo dos pesquisadores da área.

Contudo, uma extensão dessa pesquisa para anos 2000-2005 (Jacks *et al.*, 2010a) aponta para a Internet entrando em pauta, uma vez que foram encontrados seis trabalhos empíricos de recepção, de cunho sociocultural, em ambientes virtuais. A constatação é de que, além de lento e pouco expressivo, esse ingresso, ao longo da primeira meia década deste século, se deu sobre uma estrutura teórico-metodológica ainda deficiente.

Parece haver um interesse empírico e instrumental, imediato, em saber o que faz o leitor na *Web*, abrindo-se uma região de sombra sobre os processos de percepção, reconhecimento, interpretação, em relação a processos mais globais, social, político e culturalmente significativos. Ainda, parece que o conteúdo foi deixado de lado porque a preocupação com a representação foi esquecida, substituída pelas novidades que nos colocam as formas novas de comunicação (Natansohn, 2007:6).

Natansohn (2007) destaca também que, talvez por essa ênfase desmedida na investigação sobre os usos do meio técnico, “os métodos quantitativos de medição da audiência são os mais validados e discutidos, deixando na escuridão a compreensão qualitativa dos processos de recepção, de uso e de consumo de produtos no ambiente digital” (Natansohn, 2007:2). Além disso, muitas pesquisas continuam refletindo, ao menos parcialmente, dicotomias que se estabeleceram ao longo da história da área: entre meios e mediações, entre texto e contexto, entre micro e macro, entre teórico e empírico, entre interior e exterior à tela. A ausência de uma visão integrada desses polos parece ser uma das grandes precariedades ao se estudar o “receptor” na Internet.

Em síntese: “o amadurecimento teórico-metodológico é o principal ponto de agendamento para os estudos dessa área, além do adentramento no cotidiano dos usuários, para superar os estudos meramente descritivos e quantitativos” (Jacks *et al*, 2010b:13). Para que se evolua nesse sentido, novas articulações precisam ser testadas, pois só assim serão gradativamente desvendados os referências das tradicionais pesquisas de audiência, geralmente orientadas pelos Estudos Culturais, que continuam válidos e aqueles que precisam ser refutados, revisados ou atualizados a partir da perspectiva teórica trazida pela Cibercultura.

A ponte teórico-metodológica:

dos estudos culturais aos estudos ciberculturais

Se os Estudos Culturais ensinam que “estudar a produção de sentido no espaço da recepção significa pensar os processos de comunicação a partir do âmbito da cultura” (Gomes, 2005:209), os “estudos ciberculturais” viabilizam a inclusão da nova face da cultura, despontada pelas tecnologias digitais: a *ciber*. Acredita-se, pois, que essas contribuições teóricas, que nasceram em trilhas paralelas, encontram no estudo da recepção na Internet um motivo para se aproximar, e sugere-se que as mediações sejam a ponte para essa convergência.

Na primeira versão da *Teoria das Mediações*, publicada no clássico *De los medios a las mediaciones* (1987), Martín-Barbero propõe que a comunicação seja estudada a partir dos processos que a atravessam, dos lugares onde se dá o enfrentamento entre receptores e meios, se organiza a percepção da realidade e se estabelece a apropriação de sentidos. “O sujeito da comunicação não é o meio, mas a relação. Importante não é o

que diz o meio, mas o que fazem as pessoas com o que diz o meio, com o que elas veem, ouvem, leem. Esta é a mudança. E isso foi o que realmente produzi, o que propus”, explica o próprio autor (2009:9).

No entanto, enfático na tentativa de articular a comunicação com os movimentos sociais, Martín-Barbero foi mal interpretado por muitos. O que era para ser um olhar equilibrado entre o mundo da técnica e o da cultura: “explorar os meios de uma maneira integral, desde o contexto de suas mediações” (Orozco, 1998:100), acabou sendo entendido como um menosprezo ao papel dos meios, motivo pelo qual o autor foi criticado pelos pares. Em obra comemorativa dos dez anos de *De los medios a las mediciones*, Canclini (1998), ao observar que as questões centrais àquela época já haviam sido transformadas, incorporando uma dosagem cada vez maior de influências tecnológicas, chega a questionar uma possível inversão do deslocamento-chave introduzido pelo autor:

Sua obra foi decisiva nesses dez anos para que deixássemos de isolar os meios e concebêssemos a ação deles como parte das mediações sociais. No entanto, ao nos aproximarmos do final desta década, em que a globalização da economia e das comunicações se impõe, novos mediadores sociais (organismos ecológicos, de direitos humanos, movimentos étnicos, populares urbanos) ensaiam fórmulas inéditas para renovar o tecido social, mas não sabem o que fazer com os meios, como passar das ações microsociais a uma reorganização das políticas comunicacionais. Não é hora, então, de passar das mediações aos meios? (Canclini, 1998:7-8).

No prefácio da quinta edição de seu livro, ainda nos anos 1990, Martín-Barbero dá uma resposta às múltiplas vozes que o fazem a mesma pergunta. Ele recusa a inversão, em primeiro lugar, porque ele enxerga os meios, mesmo sem os condenar ou exaltar, contemplados em sua proposta. Em segundo lugar, porque vê nos dois movimentos, o de ida às mediações e o de retorno aos meios, projetos muito distintos para o devir social e, mais do que isso: entende o fortalecimento da lógica das mediações como uma forma de lutar contra o projeto hegemônico dos meios.

Pervertendo o sentido das demandas políticas e culturais, que encontram, de algum modo, expressão nos meios, se deslegitima qualquer questionamento de uma ordem social que somente o mercado e as tecnologias permitiriam dar forma. É este último projeto, o hegemônico, que nos submerge em uma crescente onda de fatalismo tecnológico, e frente ao qual resulta mais necessário que nunca manter a epistemológica e politicamente estratégica tensão entre as mediações históricas, que dotam de sentido e alcance social os meios e o papel de mediadores que eles podem estar desempenhando hoje (Martín-Barbero, 2008:43).

Porém, no livro *Ofício de Cartógrafo: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*, o autor cede, em parte, diante das mudanças na esfera da tecnicidade:

Confundir a comunicação com as técnicas é tão deformante quanto pensar que eles [meios] são exteriores e acessórios à (verdade da) comunicação, o que equivaleria a desconhecer a materialidade histórica das mediações discursivas na qual ela se produz (Martín-Barbero, 2004:235).

Sendo assim, ele entende a tecnologia como um dos principais motivadores para reordenar alguns conceitos que vinha trabalhando, de modo a estruturar um novo e mais complexo tecido de mediações, um novo mapa, que foi o adotado como modelo teórico-metodológico da dissertação que originou este artigo:

Um mapa que se movimentava sobre dois eixos: um diacrônico, ou histórico, de larga duração –tensionado entre as Matrizes Culturais (MC) e os Formatos Industriais (FI – e outro sincrônico, tensionado pelas Lógicas de Produção (LP) em sua relação com as Competências de Recepção ou Consumo (CR). Por sua vez, as relações entre as MC e as LP se acham mediadas por diferentes regimes de Institucionalidade, enquanto as relações entre as MC e as CR estão mediadas por diversas formas de Socialidade. Entre as LP e os FI medeiam as Tecnicidades, e entre os FI e as CR as Ritualidades (Martín-Barbero, 2004:230) ¹

Ao incluir espaços para se pensar os formatos midiáticos, Martín-Barbero explicita que as tecnicidades também são um lugar constitutivo da comunicação na cultura e remedia a deficiência da proposta anterior. O melhor é que o faz sem incorrer no *midia-centrismo*, uma vez que o mapa favorece uma análise interdisciplinar, que ajuda a alertar para a dimensão societal dos aparatos. O modelo carrega uma ponderação que o autor sempre quis deixar clara: “Uma coisa é reconhecer o peso decisivo dos processos e das tecnologias de comunicação na transformação da sociedade e outra bem distinta é afirmar aquela enganosa centralidade e suas pretensões de totalização do social” (Martín-Barbero, 1990:10).

Sendo assim, o principal benefício do modelo refeito de Martín-Barbero para o estudo da leitura na Internet é que ele reserva um lugar especial para a tecnologia (o quadrante das tecnicidades), mas a assimila de forma integrada, a partir das interferências que nela se inscrevem, ou seja, sem aliená-la

1. Em entrevista prestada à Revista Pesquisa Fapesq, em setembro de 2009, Martín-Barbero introduz algumas reestruturações que já vem implementando nesse mapa: “Eu junto em meu mapa tecnicidade e identidade, ponho ritualidade ao lado de cognitividade. Retiro dele as duas mediações que eram mais “tradicionalistas”, institucionalidade e socialidade, para colocar a transformação” (Martín-Barbero, 2009:11).

de todo o sistema intangível de fluxos socioculturais por onde circulam os sentidos. Ao invés de puramente alimentar as presunções que se assentam sobre as performances técnicas, o modelo permite pensar a tecnologia num cenário multidimensional, partilhando influências com eventos de outras esferas da sociedade. O autor deixa manifesto que “a própria existência dos meios tecnológicos de comunicação depende de complexas mediações culturais produzidas por sociedades humanas” (Girardi Júnior, 2009:121) e, assim, consegue assimilar os aparatos sem desmerecer seus impactos, mas também sem cair em otimismo exacerbados.

Mesmo sabendo que a tecnologia é somente um dos elementos dessa teia, não há como não identificar que ela é um dos fatores que mais pesa na diferenciação entre os estudos de recepção na mídia tradicional e na nova mídia. Desse modo, ao adotar-se o modelo de Martín-Barbero para o estudo das práticas comunicacionais e socioculturais dos leitores da *Web*, assumiu-se como ponto de partida a mediação das tecnicidades. Nessa priorização tecnológica germina um ponto de contato entre o que foi mantido e o que mudou nos processos de comunicação, entre os conceitos dos Estudos culturais e da Cibercultura, entre as faces *on-line* e *off-line* do mundo.

Para que não se embrenhasse em tecnicismos, olhou-se tanto para as tecnicidades quanto para as ritualidades, ou melhor, para a relação entre essas duas dimensões mediadoras. Mesmo que a tecnicidade seja “o que na sociedade não é só da ordem do instrumento, mas também da ordem da sedimentação de saberes e da constituição das práticas” (Martín-Barbero, 2004: 235), ela melhor fundamentou, no caso do estudo em questão, a compreensão dos processos entre o leitor e a tela. Já a análise da ritualidade ajudou a situar esses processos no cenário social mais amplo, fora da tela, onde se encontram os usuários ao efetuarem o consumo midiático. Descrever a forma pela qual se estabeleceu essa conversação entre essas mediações é o intuito da seção subsequente.

O diálogo das mediações:

das tecnicidades às ritualidades

A riqueza do suporte conceitual que Martín-Barbero oferece para o estudo dos usos sociais dos meios está em sua amplitude e nas inúmeras inter-relações que ele permite que se estabeleçam entre as partes constituintes do mapa por ele desenhado. Contudo, na hora de apropriar-se desse modelo, torna-se necessário recortá-lo, principalmente quando se tem a intenção de tomá-lo como referencial para uma investigação empírica.

Dentro das pesquisas de recepção, as mediações culturais se constituem apenas num modelo ou numa perspectiva de compreensão da relação entre cultura e meios de comunicação. Elas não são vias pavimentadas, fixas e prontas disponíveis à explicação de um determinado fenômeno. Trata-se de um caminho novo, dinâmico e em construção, no qual o próprio objeto de estudo é quem revela quais as mediações que estão interferindo no processo e que irão compor o trajeto (Rosini e Santi, 2008:65).

Nesse sentido, segundo acima explanado, captou-se que o objeto de estudo do trabalho desenvolvido apontou para um recorte que engloba o domínio das tecnicidades e das ritualidades. Evidentemente, elas não são as únicas mediações que cruzam o tema debatido, mas acreditou-se que por meio delas mais facilmente se poderia visualizar a forte ingerência das tecnologias da comunicação sobre as práticas socioculturais contemporâneas ou, mais precisamente, a influência do “novo jornalismo” sobre as práticas direta ou indiretamente relacionadas aos processos de leitura.

Enquanto o quadrante das tecnicidades permitiu pensar a absorção de novos produtos culturais, o quadrante das ritualidades deixou ver se essas novidades engendram ou não repetições simbólicas, consolidando-se como uma prática semantizada, um rito. Ou seja, as tecnicidades subsidiaram o estudo da forma com que os sujeitos se relacionam com os suportes, com os formatos e com os conteúdos, e as ritualidades, por outro lado, subsidiaram o estudo da maneira com que os sujeitos incorporam e dão sentido a esses elementos em seu dia-a-dia.

Essas escolhas partem da premissa de que existe uma relação estreita e recíproca entre técnica e cultura. Rüdiger (2007:38) explica que a cultura transcende a técnica, mas que precisa dela para se expressar. Isso porque “tecnicidade é competência da linguagem” (Martín-Barbero, 2004:235) e, conforme Postman (*apud* Castells, 2002:414), as linguagens têm o importante papel de intermediar a concepção de realidade: “São nossos meios de comunicação. Nossos meios de comunicação são nossas metáforas. Nossas metáforas criam o conteúdo de nossa cultura”. A cultura, por sua vez, estimula o desenvolvimento de novas técnicas e, desse modo, técnica e cultura alimentam uma dinâmica de autotransformação e de transformações mútuas. “O imaginário social e as escolhas tecnológicas da humanidade trabalham como um sistema de espelhamento. A sociedade escolhe e valida a tecnologia e esta auxilia na construção de um novo imaginário” (Mallmann, 2005:20).

Esses intercâmbios, contudo, não trazem resultados imediatos e, tampouco, são livres de discrepâncias. As transformações “demoram a se

manifestar, justamente porque não só o instrumental está envolvido (...), mas, sobretudo, o sociocultural, e (...) também e especialmente, o perceptivo” (Orozco, 2006:85). E é por envolver a percepção da sociedade, que nem sempre acompanha a velocidade das revoluções técnicas, que essa dinâmica entre tecnologia e cultura pode mostrar-se descompassada. Daí deriva a importância da ritualidade. Ao buscar fazer da assimilação das novas tecnologias pela sociedade um processo gradual e consolidado, ela luta contra esse descompasso. Na tecnicidade muitas referências são transformadas e é a ritualidade “que vai refletindo graus de apropriação ou de abandono dessas referências. Processos que supõem familiaridade e tempo” (Orozco, 2006:88).

Logo, pode-se considerar que as ritualidades medeiam a incorporação do tecnológico pela cultura, dado que permitem “entrever o jogo entre cotidianidade e experiências do estranho, (...) entre inércias e atividades, entre hábitos e iniciativas do olhar e ver” (Martín-Barbero, 2004:233). Esquemáticamente falando, a tecnicidade desenha novas práticas; se essas práticas passam a repetir-se, viram rotinas; se essas rotinas ganham sentido simbólico, viram ritos; os ritos são o combustível das culturas, e as culturas são a plataforma em que se ancoram e se negociam as significações de uma sociedade. Assim, por meio dessa relação complexa (apesar de rápida e simplificada) de absorções e recusas, a ritualidade vai acomodando continuidades e rupturas em um mesmo cenário, e, por consequência, reforçando a ordem cultural ao mesmo tempo em que gerencia as reconfigurações que nela ocorrem.

Para Martín-Barbero, é essencialmente pela via da linguagem e das sensibilidades que técnica e sociedade estabelecem suas mútuas intervenções. Ao longo do tempo, saberes narrativos, hábitos e técnicas expressivas se consolidam pelos sujeitos sociais, gerando gramáticas discursivas. À medida que novas funcionalidades tecnológicas surgem, introduzindo suas linguagens, essas gramáticas se alteram, pois mudanças de linguagem impactam todos os sistemas através dos quais se dá a produção de sentido: neurológicos, sociais e culturais. A tecnicidade, nesse contexto, nada mais é que o lugar onde essa revisão acontece, “o espaço da transformação das competências perceptivas dos sujeitos das práticas” (Orozco, 1998:95-96). Por isso mesmo, falar em tecnicidade é ir além de algo que aponta para máquinas, ela está relacionada a modos de pensar, ver, sentir, narrar e interpretar.

Enquanto “organizador perceptivo”, a tecnicidade será, nas práticas sociais, aquela dimensão que articula a inovação à discursividade. Pois, mais do que objetos adquiríveis ou atividades especializadas, a tecnicidade é parte fundamental do desenho de novas práticas (Martín-Barbero, 1990:13).

O que ocorre na atualidade é que, nas redes informáticas, as inovações, impulsionadas por demandas do mercado, tornam-se mais frequentes e rápidas. Novos gêneros, formatos, estratégias de circulação, aparelhos e escritas surgem a todo instante, acelerando forçosamente o desabrochar de novas sensibilidades. Parece, assim, que as percepções, práticas e sentidos tornam-se mais inconstantes, renovando a importância das intenções duradouras das ritualidades, que, em meio a esse cenário volátil, reformulam consensos, reedificam imaginários, reestabilizam os significados coletivos, realinham as práticas aos cada vez mais efêmeros espaços e tempos e reconstróem regramentos discursivos.

Em sua relação com os FI [formatos industriais] (discursos, gêneros, programas e grades ou palimpsestos) as Ritualidades constituem gramáticas da ação –do ver, do escutar, do ler–, que regulam a interação entre os espaços e tempos da vida cotidiana e os espaços e tempos que conformam os meios (Martín-Barbero, 2008:47).

Desse modo, as ritualidades contribuem para a sedimentação das proposições do domínio das tecnicidades e mobilizam transformações culturais. A cultura humana é estruturada pela repetição de comportamentos e adaptada na medida em que novos comportamentos surgem; é resultado “de interação incessante de tradição e mudança, persistência e transformação” (Santaella, 2003:57). Interações estas que encontram na ritualidade um espaço acolhedor para perfazerem-se, uma vez que ritualidade “é o que na comunicação há de permanente reconstrução do nexó simbólico: ao mesmo tempo repetição e inovação, âncora na memória e horizonte aberto. É o que no intercâmbio há de *forma* e de *ritmo*” (Martín-Barbero, 2004: 231). A ritualidade é um lugar onde rotinas são transformadas, mas também onde transformações constituem novas rotinas.

Na dimensão empírica do trabalho de Knewitz (2010), essas transformações e rotinas foram buscadas em um mergulho no cotidiano de 16 leitores do portal de notícias *Zerohora.com* que também têm ou tiveram o hábito de ler a versão impressa do jornal Zero Hora. Procurou-se trabalhar com um grupo heterogêneo, composto por sujeitos de ambos os sexos, diversas áreas de formação e, sobretudo, variadas idades (20 a 62 anos), seguindo os procedimentos abaixo sintetizados.

Os procedimentos:

Da teoria à prática

Para que essa discussão teórica fosse levada a campo, delineou-se como tecnicidade as práticas geradas em torno dos recursos técnicos utilizados na constituição da narrativa jornalística. Em outras palavras, o somatório do uso que *Zerohora.com* faz das ferramentas de interação, do hipertexto, da linguagem multimídia e das possibilidades de rápida atualização dos conteúdos com o uso que os leitores fazem das oportunidades oferecidas pelo *site*. Já a ritualidade foi interpretada como os sentidos e hábitos que vêm resultando da incorporação do webjornalismo no cotidiano dos leitores; como a ressignificação que os sujeitos analisados vêm fazendo dos tempos, espaços, relações sociais e ações em função da mídia.

Entende-se que se deslocar de uma a outra dessas duas mediações representou a construção do que no mapa barberiano pode ser chamado de eixo sincrônico. Isso significa que, em uma perspectiva contemporânea, se buscou averiguar o modo como as tecnicidades vêm gerando novas ritualidades; como os recursos tecnológicos vêm alterando as práticas dos leitores no que diz respeito ao relacionamento com a linguagem e às percepções de espaço, tempo e cultura. Horizontalmente, a análise foi cortada por um eixo histórico, embora não-linear, que buscou detectar diferenças no processo de leitura decorrentes da extensão do jornal impresso para o formato digital. Figura 1 na página seguinte melhor esclarece os dois trajetos que a pesquisa empiricamente percorreu.

Para viabilizar o estudo do movimento do quadrante das tecnicidades para o das ritualidades, bem como do deslocamento diacrônico pelos formatos jornalísticos, partiu-se de um corte etnográfico, tendo como instrumento a entrevista qualitativa. Primeiramente porque “o ponto de partida empírico para a Etnografia de Audiência é a vida cotidiana: conhecer as práticas sociais e culturais, os rituais e as rotinas de grupos sociais particulares” (Jacks e Capparelli, 2006:167), mas também porque, como reconhece Cáceres (1997), há um foco contemporâneo e outro histórico no trabalho etnográfico. Para ele, o material informativo deve ser organizado em dois vetores: “um que se dirige em direção à vida social atual e suas perspectivas, e outro que se orienta em direção ao passado” (1997:187).

Foi exatamente essa organização que se buscou na pesquisa em campo para que contemplasse ambos os vetores do modelo barberiano. No diacrônico (passado → presente), foram alocados os elementos que pudessem colaborar para a diferenciação do processo de leitura em jornal impresso e

Figura 1
Representação da Teoria das Mediações (baseada em Martín-Barbero, 2008)



em jornal digital. Dessa forma, a construção desse eixo de análise se deu a partir do relato dos leitores sobre a inserção da tecnologia em suas vidas. Procurou-se, pela perspectiva dos próprios entrevistados, saber como foi o ingresso no mundo da Internet e como se estabeleceu, em suas rotinas, a convivência do jornalismo impresso e do webjornalismo.

Já em torno do vetor sincrônico (somente presente) foram estruturadas as informações que ajudassem a descrever e a detalhar as práticas contemporâneas dos leitores em tudo aquilo que lhe é sem precedentes. Essa construção foi balizada por dois tópicos: as influências dos espaços e tempos nas práticas de leitura e apropriação dos recursos técnicos disponíveis no portal de notícias estudado. O intuito, nesse segundo eixo analítico, foi verificar como os sujeitos vêm adaptando-se às mudanças socioculturais, espaço-temporais e comunicacionais decorrentes da aplicação intensa das tecnologias às narrativas jornalísticas; ver como as tecnicidades vêm aderindo a rotina dos pesquisados e introduzindo novas práticas e ritos.

Como quando se dispõe a trabalhar como o método etnográfico, o pesquisador não propõe hipóteses a serem testadas, mas se abre para a exploração de um fenômeno social, o objetivo da fase de coletas de dados foi, por meio

de entrevistas de 50 minutos a 2 horas, levantar o maior número de dados possíveis sobre os dois fluxos descritos acima. Não havendo direcionamento previamente determinado, que não alimentar uma descrição supostamente densa e livre, foram pautados mentalmente alguns temas e priorizou-se que os informantes conduzissem a conversação em torno dos mesmos.

Após transcrever e sistematizar as informações, edificaram-se, a partir dos assuntos mais salientes nos discursos, seis categorias analíticas: coordenadas de leitura, preferências de suporte, formas de participação, percursos de leitura, usos de multimídia e modos de atualização. Em torno de tais categorias, foi identificada uma série de práticas e ritos antigos, novos e alterados. O passo final foi, buscando respeitar a subjetividade de cada depoente e as nuances de suas ações e falas, atentar para consensos, como forma de amarrar as constatações alcançadas. Essa busca confluiu para a proposição de uma tipologia de leitura, integrada pela *leitura de contextualização*, pela *leitura de atualização* e pela *leitura de projeção*. Mesmo que este artigo seja de teor teórico-metodológico, vale comentar rapidamente cada uma dessas modalidades de leitura que emergiram a partir dos dados empíricos.

A *leitura de contextualização* é aquela em que o leitor estabelece seu primeiro contato com as notícias do dia. É uma leitura de base, em que as pessoas buscam um panorama local e global para que possam inserir-se e situar-se no cotidiano. Costuma abranger grande diversidade de assuntos e é efetuada com concentração e profundidade, o que, segundo os sujeitos investigados, implica bom grau de absorção e memorização. É uma leitura matinal, que se dá tanto em papel quanto em tela, por vezes é feita em casa, mas geralmente ocorre em ambiente profissional, com duração de 15 a 30 minutos na *Web* e de 30 minutos a 2 horas na versão tradicional dos jornais. Quando realizada na versão *on-line*, explora escassamente as possibilidades multimídia, mas faz uso constante dos recursos de interação e do hipertexto. A ferramenta de interação mais requisitada nessa ocasião são os comentários, e o hipertexto é utilizado principalmente com as finalidades de promover uma leitura mais profunda e desordenada e de facilitar a seleção dos conteúdos e a consulta a outras fontes. Esse tipo de leitura foca assuntos genéricos, sendo que no jornal impresso consultam-se mais informações em menos fontes, e na leitura digital consultam-se assuntos menos variados, mas sob um número maior de perspectivas. Por fim, como sugere sua denominação, essa leitura tem como objetivo primordial contextualizar o leitor na micro e macro realidade que o envolve.

A *leitura de atualização*, por seu turno, é aquela em que o leitor costuma informar-se sobre os novos acontecimentos que irrompem a esfera pública no decorrer do dia ou sobre a evolução de fatos que venha acompanhando. É uma leitura rápida e fragmentada, em que as pessoas buscam o sentimento de controle sobre o cenário em que estão inseridas. Nessa leitura, a instantaneidade tem mais peso que o conteúdo, isto é, o que importa são as notícias mais atuais e não as mais importantes. É uma leitura que ocorre quase que exclusivamente na tela, ao longo da tarde, no local de trabalho, intercalando-se entre as tarefas profissionais. Nos casos em que as políticas empresariais não permitem essa prática, os leitores vêm procurando ambientes alternativos, como a faculdade, para fazer ao menos um único acesso com o intuito de atualizar-se. Detectou-se, contudo, que o padrão são vários acessos (de três a 20) rápidos e superficiais, destinados a rastrear as últimas notícias a partir de seus títulos. Os conteúdos lidos não costumam ficar gravados na memória por muito tempo, pois sua importância parece esvair-se tão logo um assunto mais recente entra em pauta. Por essa razão, os recursos multimídia costumam ser acionados especialmente quando vinculados a uma novidade, enquanto que as ferramentas de interação são bastante empregadas quando produzem um efeito instantâneo e dinâmico, como, por exemplo, o gerado por um *chat* ou pelo envio de textos e imagens em tempo real. O hipertexto é pobremente explorado, pois nessa leitura as pessoas tendem a absorver somente chamadas de capa, sem sequer clicar nos *links* para visualizar o conteúdo na íntegra. No que diz respeito ao objetivo dos leitores ao realizarem-na, enfim, parece estar no acompanhamento intenso e contínuo de um número restrito de fatos que circulam como destaques do dia, com o intuito de sentirem-se inteirados sobre o agora.

Já a *leitura de projeção* é aquela em que o leitor consulta o desfecho dos fatos do dia vigente e, referenciando-se neles, procura antecipar-se sobre os assuntos que atravessarão sua rotina no dia seguinte. Dessa forma, é uma leitura que traz intrínsecos os sentimentos de exaustão e de precaução. Assim como na *leitura de atualização*, a prioridade da *leitura de projeção* são as novidades; a diferença está na profundidade com que as notícias são lidas, que na última costuma ser maior. Essa leitura é feita à noite, no computador residencial, com duração de 20 minutos a uma hora. Abrange tanto conteúdos específicos quanto genéricos e inspira alto grau de memorização, embora menor que o atingido com a *leitura de contextualização*. Quando a efetuam, os leitores costumam fazer amplo uso do hipertexto e dos recursos interativos e multimídia, sendo que, no que tange à multimídia, esta se mostrou a modalidade de leitura que mais a explora. No

que tange ao objetivo, conforme já mencionado, é duplo: o de recuperar dados que não puderam ser acessados ao longo do dia e o de, a partir deles, planejar-se diante dos acontecimentos que serão debatidos e vivenciados no próximo amanhecer.

Claramente essa tipologia, bem como os demais resultados, já nasce com a limitação de ter sido formulada a partir do relato de poucas pessoas, mas, como lembra Vilela (2006:51), “as narrações dos entrevistados estão construídas por códigos compartilhados, remetem a significações que respondem à singularidade do entrevistado, mas que constituem o âmbito social no qual transcorreu sua história e aquele no qual se inscreve atualmente”, logo, as individualidades carregam um sentido histórico e coletivo.

Isso não deixa de apontar, contudo, que cada escolha metodológica carrega vantagens e desvantagens. Ao optar pelo método qualitativo e pela técnica da entrevista etnográfica, por exemplo, abre-se espaço para defasagens entre a fala do entrevistado e a interpretação do entrevistador e se sujeita a uma visão mediada e parcial do evento, embora essa seja a sina das Ciências Sociais e Humanas. Por outro lado, alcança-se uma profundidade e riqueza de detalhes que, segundo Natansohn (2007) e Jacks et al (2010b), é uma grande carência das pesquisas de recepção e leitura na *Web*. Ao falar sobre os métodos quanti e qualitativo, Orozco (2000:40) afirma que “não existe desenvolvimento epistemológico que permita integrar ambas as perspectivas de conhecimento”, mas destaca a possibilidade de utilizá-las de forma combinada. Aqui fica patente a importância dessa complementaridade, no sentido de validar as evidências encontradas perante um grupo maior de pessoas, desafio por demais extenso para aquele momento, mas promissor para trabalhos futuros.

Considerações

finais

Conforme foi debatido, a popularização da Internet instaura um dilema aos estudos envolvendo a esfera do receptor: A partir de que referenciais estudá-lo? Está-se diante de um novo paradigma que invalida os conhecimentos acumulados em torno dos meios tradicionais?

No sentido das reflexões sobre os papéis dos sujeitos e objetos segundo a tradicional teoria da comunicação e sua transposição ao novo e pouco explorado tema da crise da epistemologia da comunicação com o advento do cyberspace, pesquisadores buscam uma posição de análise para a contextualização do receptor na Internet (Martins, 2007:2).

Sugeriu-se aqui que essa posição de análise seja uma brecha situada entre os legados dos Estudos Culturais, que “prendem” o receptor a uma fundamentação historicamente validada, e as contribuições que derivam da área da Cibercultura, que o “soltam” para desbravar as novas possibilidades trazidas pelas inovações tecnológicas. Mostrou-se também uma das formas pela qual a *Teoria das Mediações*, com sua maturidade e flexibilidade, pode ser explorada para a redução dessa brecha. Certamente o caminho aqui proposto não é o único a ser tomado para que se evolua na construção de estratégias teórico-metodológicas para o estudo da recepção em ambientes digitais, mas serve para ilustrar que as mediações barberianas são um solo fértil para se tratar da relação entre tecnologia e cultura com ampla desenvoltura.

Referências

- Cáceres, L. J. G. (1997). *Sabor a ti: metodología cualitativa en investigación social*, Xalapa: Universidad Veracruzana.
- Canclini, N. (1998). “De los medios a las mediaciones: lecturas inesperadas”, en: Toscano, M. C.; Reguillo, R., em: *Mapas Nocturnos: Diálogos con la obra de Jesús Martín-Barbero*, Santa Fé de Bogotá: Siglo del Hombre Editores.
- Castells, M. (2002). *A sociedade em rede - A era da informação: economia, sociedade e cultura* V.1, São Paulo: Paz & Terra.
- Girardi Júnior, L. (2009). “Teoria das mediações e estudos culturais: convergências e perspectivas”, em: *Revista Libero*, 12(23), pp. 117-127.
- Gomes, I. (2005). “Os estudos de recepção” em: Gomes, I. (2005). *Efeito e recepção*, Rio de Janeiro: E-papers.
- Jacks, N.; Capparelli, S. (2006). “Etnografia, mídia e cotidiano: eixo sincrônico” em: Jacks, N.; Capparelli, S. (Orgs.) (2006). *TV, família e identidade*: Porto Alegre “Fim de Século”, Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Jacks, N.; Menezes, D.; Piedras, E. (2008). *Meios e audiências: a emergência dos estudos de recepção no Brasil*, Porto Alegre: Sulina.
- Jacks, N.; Moraginski, A.; Knewitz, A. P.; Schimitz, D.; Silva, L.; Aquino, M. C.; Pieniz, M. (2010a). “Pesquisa de Recepção: empírica por natureza”, em: Lopes, M. I. V.; Martino, L. C.; Braga, J. L. (Orgs), *Pesquisa Empírica em Comunicação*, São Paulo: Paulus.
- Jacks, N.; Silva, L.; Pieniz, M.; Schmitz, D., Knewitz, A. P.; John, V. (2010b). “Audiência midiática brasileira: características da pesquisa acadêmica nas últimas duas décadas”, em: *Anais do Encuentro latinoamericano de investigadores “Estudios de recepción y audiencias: hacia una nueva agenda para América Latina”*, Quito.
- Knewitz, A. P. (2010). *A leitura jornalística na contemporaneidade: novas e velhas práticas dos leitores de Zerohora.com*. Porto Alegre: UFRGS, 2010. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Lemos, A. (2007). *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*, Porto Alegre: Sulina.
- Mallmann, A. D. (2006). *O fluxo das informações jornalísticas no tempo-espaço das mídias digitais/online*. Porto Alegre: PUCRS, 2005. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Martín-Barbero, J. (1990). “De los medios a las practicas” em: Orozco, G. (Org.) *La comunicación desde las practicas sociales: reflexiones en torna a su investigación*, Lomas de Santa Fé: Universidad Iberoamericana.
- Martín-Barbero, J. (1997). *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Martín-Barbero, J. (2004). “Uma agenda para a mudança de século” em: Martín-Barbero, J. (2004). *Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*, São Paulo: Edições Loyola.

- Martín-Barbero, J. (2008). “Pistas para entre-ver medios y mediaciones”, em: *Revista Anthropos*, 219, pp. 43-48.
- Martín-Barbero, J. (2009). “As formas mestiças das mídias”, em: *Revista Pesquisa Fapesq*, 163.
- Martins, F. M. (2007). “Cyberspace e os sujeitos da interatividade”, em: *E-Compós*, 9(2), pp. 1-7.
- Natansohn, G. (2007). “O que há e o que falta nos estudos sobre recepção e leitura na Web?”, em: *E-compós*, 10(3), pp. 1-16.
- Orozco, G. (1998). “De las mediaciones a los medios: contribuciones de la obra de Martín-Barbero al estudio de los medios y sus procesos de recepción” em: Toscano, M. C.; Reguillo, R. *Mapas Nocturnos: Diálogos con la obra de Jesús Martín-Barbero*, Santa Fé de Bogotá: Siglo del Hombre Editores.
- Orozco, G. (2000). “Paradigmas de producción de conocimientos” em: Orozco, G. (2000). *La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa*, Guadalajara: Instituto Mexicano para el Desarrollo Comunitario.
- Orozco, G. (2006). “Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos” em: Moraes, D. (Org). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad.
- Orozco, G. (2008). “La ‘mediación’ de J. Martín Barbero”, em: *Revista Anthropos*, 219, pp. 136-138.
- Press, A.; Livingstone, S. (2006). “Taking Audiences Research into the Age of New Media: Old Problems and New Challenges” em: White, M.; Schwoch, J. *Questions of Method in Cultural Studies*, Blackwell Publishing.
- Rosini, V. V. M.; Santi, V. J. C. (2008). “Uma aproximação entre pedagogia crítica da mídia e a teoria das mediações”, em: *Alceu*, 8(16), pp. 52-69.
- Rüdiger, F. R. (2007). *Introdução às teorias da cibercultura: perspectiva do pensamento tecnológico contemporâneo*, Porto Alegre: Sulina.
- Santaella, L. (2003). *Culturas e artes do pós-humano: a cultura das mídias à cibercultura*, São Paulo: Paulus.
- Vilela, R. S. (2006). “Técnica, método e teoria. A entrevista em profundidade na investigação da recepção”, em: Jacks, N.; Piedras, E. R.; Vilela, R. S. (Orgs.), *O que sabemos sobre audiências? Estudos latino-americanos*, Porto Alegre: Ed. Armazém Digital.

Recibido: 16 de julio de 2010 Aprobado: 23 de noviembre de 2010